

## JOÃO E MARIA

Às margens de uma extensa floresta morava um pobre lenhador com sua segunda esposa e seus dois filhos do primeiro casamento. O garoto se chamava João e a menina Maria. A vida sempre fora difícil na casa do lenhador, mas naquela época as coisas haviam piorado, não havia pão para todos. Preocupado o lenhador perdia frequentemente o sono e uma noite perguntou à sua esposa: "Mulher, o que será de nós? Acabaremos todos por morrer de necessidade, e as crianças serão as primeiras." Ela então respondeu: "Sabes de uma coisa, amanhã cedo levaremos as crianças para o meio da floresta, onde ela é mais densa, faremos um fogo, daremos a elas um pedaço de pão e depois lá as abandonaremos. Elas não mais acharão o caminho de volta para casa e assim ficaremos livres delas." O homem disse: "Não mulher, não posso fazer tal coisa, como posso ter coragem de deixar meus filhos sozinhos na floresta, onde logo seriam comidos pelos animais selvagens." A mulher replicou: "Não sejas tolo, morreremos então os quatro de fome, podes desde já preparar a madeira para os caixões", e não deixou-o em paz até que ele concordou. "Mas tenho pena das pobres crianças", disse o homem. No aposento ao lado as duas crianças que por estarem com fome não conseguiam dormir, escutaram tudo. Maria desatou a chorar e disse: "E agora? Não teremos saída", "Não chores" tranquilizou-a João, "Tenho uma idéia." E esperou que os pais estivessem dormindo, levantou-se, saiu da cabana, catou um punhado de pedrinhas brancas que brilhavam no clarão da lua e as escondeu no bolso. Depois voltou para o quarto e disse à Maria: "Fiques tranquila, querida irmã, pois Deus não irá nos abandonar", e deitou-se de novo na sua cama. No dia seguinte, ao amanhecer, a madrasta acordou as crianças, "Acordem preguiçosos, vamos cortar lenha na floresta." E deu à cada um deles um pedaço de pão e disse: "Mas não comam antes da hora do almoço, pois isto é tudo o que tem." Maria guardou o pão debaixo do avental, já que João tinha os bolsos cheios de pedrinhas. Partiram os quatro rumo à floresta. O lenhador e a mulher na frente e as crianças atrás. Depois de caminharem um pouco, João parava e olhava para a casa que ficou para trás. O pai perguntou então: "João, por que olhas tanto para trás, apressa-te." João disse: "Oh, pai, estou dando adeus ao meu gatinho branco, que está sentado no telhado." Ao que a mulher então respondeu: "Tolo, este não é o teu gato, mas sim o sol da manhã que brilha sobre a chaminé." João por sua vez não procurava o gato, mas deixava cair as pedrinhas brancas sobre o caminho enquanto andava. Quando chegaram bem no meio da floresta, o pai disse: "Agora, crianças, ajudem a procurar lenha, para que eu possa fazer fogo, assim não sentirão frio." João e Maria juntaram galhos secos de árvores que encontraram e trouxeram ao pai. Este fêz uma fogueira e quando as chamas estavam altas a mulher disse: "João e Maria descansem enquanto nós vamos rachar lenha. Quando terminarmos voltaremos para buscá-los." João e Maria sentaram-se perto do fogo e pela hora do almoço comeram cada um o seu pedaço de pão. Como ouviam o barulho do machado, acreditaram que o pai estivesse por perto, mas na verdade o barulho não era do machado e sim de um galho seco que pendurado em uma árvore, balançava ao sabor do vento. Após longa espera, como estavam cansados, adormeceram. Quando acordaram já era noite alta. Maria soluçou: "Estamos perdidos, nunca mais acharemos o caminho de casa." "Esperemos que apareça a lua no céu, e acharemos o caminho de casa." Consolou-lhe o irmão. Quando a lua apareceu, as pedrinhas que João tinha deixado cair pelo chão começaram a brilhar, e João tomou sua irmã pela mão e seguindo-as conseguiram voltar para casa. Depois de caminharem durante toda a noite, bateram na porta de casa ao amanhecer do dia e ao abrir a porta a madrasta disse-lhes: "Crianças malvadas, o que estavam fazendo na floresta até agora, pensamos que não quissem mais voltar para casa." O pai por sua vez alegrou-se por ver seus filhos de volta, pois foi doloroso para ele abandoná-los sozinhos. Pouco tempo depois a situação não tinha melhorado e numa noite as

crianças ouviram quando a madrasta no aposento ao lado queixou-se ao lenhador: "Não temos o que comer, apenas a metade de um pão, devemos tirar as crianças daqui, a levaremos ainda mais para dentro da floresta, para que elas não encontrem mais o caminho de volta, não há outra saída." O marido ficou muito sentido e pensou que seria melhor dividir o último migalho com seus filhos. Mas a mulher não lhe deu ouvidos, jogou sobre ele a culpa pela situação difícil que passavam e o homem, como da outra vez, acabou cedendo. As crianças que ainda estavam acordadas escutaram a conversa. Quando os adultos pegaram no sono, João levantou-se, queria sair a procura de outras pedrinhas, mas não pôde, pois a madrasta havia trancado a porta. Mesmo assim ele consolou sua irmã dizendo: "Não chores, agora durmas, Deus irá nos ajudar." Na manhã seguinte a madrasta acordou-os bem cedo. Eles receberam um pedaço de pão ainda menor do que o da outra vez. Enquanto caminhavam rumo a floresta, Joãozinho parava e esfarelava o pão sobre o caminho. "João, por que ficas parado, o que estás olhando?" perguntou o pai. "Estou dando adeus ao meu pombinho que está lá em cima do telhado", respondeu João. Ao que a mulher disse: "Tolo, este não é o teu pombo, mas sim o sol da manhã que brilha sobre a chaminé." Mas João na verdade fazia uma trilha com os farelos do pão. A mulher levou-os bem para dentro da floresta, onde eles jamais haviam estado. Chegando lá fizeram uma fogueira e a mulher disse: "Fiquem sentados aqui, e quando estiverem cansados podem dormir, nós iremos rachar lenha, à noite quando terminarmos, voltaremos para buscá-los." Na hora do almoço, Maria dividiu seu pedaço de pão com o irmão, pois João havia esfarelado o seu pedaço fazendo a trilha. Então eles adormeceram e ficou escuro, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Quando acordaram era madrugada e João consolou a irmã dizendo: "Não temas Maria, à luz da lua veremos os pedaçinhos de pão que espalhei e assim acharemos o caminho de volta para casa." Mais tarde à luz da lua, João e Maria puseram-se a procurar a trilha, mas os milhares de pássaros haviam comido os pedaçinhos de pão. João disse à Maria: "Nós acharemos o caminho." Mas não mais o acharam. Vagaram por toda a noite, e também durante todo o dia seguinte, mas não conseguiram sair da imensa floresta e estavam com muita fome, pois para comer só havia frutinhas azedas caídas no chão. Estavam tão cansados que adormeceram sob uma árvore. Já estavam então há três dias fora de casa. Puseram-se de novo a caminhar, mas sem saber entravam cada vez mais na floresta e sem receber ajuda logo iriam morrer de sede. Foi quando avistaram um passarinho branco cujo canto era tão belo que pararam admirados para ouvi-lo. Quando este terminou de cantar, voou rodeando as suas cabeças como que querendo convidá-los e eles o seguiram até que ele pousou sobre o telhado de uma casinha. Aproximaram-se e viram que a casinha era feita de pão-de-ló com cobertura de bolo e as janelas de puro açúcar. "Viva" gritou João, e correu para morder uma parte do telhado, enquanto Maria abocanhava um pedaço das janelas. Foi quando ouviram uma vozinha aguda gritando do interior da casinha: "Quem está no meu teto mordiscando e nas minhas paredes roendo?" As crianças responderam: "Não é ninguém, só o vento que vai e vem", E continuaram se deliciando, João arrancou um pedaço do teto, que estava muito gostoso e Maria sentou-se no chão para saborear uma parte do vidro da janela. Mas subitamente abriu-se a porta da casinha e de lá saiu uma velha muito feia apoiada sobre uma muleta. João e Maria assustaram-se de tal maneira que deixaram cair no chão o que estavam comendo. Mas a velha balançando a cabeça lhes disse: "Queridas crianças, como vieram parar aqui? Não tenham medo, podem entrar." Assim pegou os dois pelas mãos e conduziu-os para o interior da casinha. Lá dentro lhes foi servida boa comida. Leite, crepe com açúcar, maçã e nozes. Depois João e Maria deitaram-se sobre duas caminhas macias forradas de lençol branquinho e pensaram então que estivessem no céu. Mas mal sabiam o que lhes aguardava, pois a velha era uma bruxa má, que para atraí-los construiu a casinha de doces. Pobre da criança que caísse em suas

mãos, pois a velha tinha o costume de cozinhar criancinhas e depois comê-las. Já esfregava as mãos satisfeita, seria para ela um dia de festa. Bruxas têm os olhos vermelhos e não enxergam de longe, mas por causa do seu faro aguçado como o de animais, sabem quando alguém se aproxima. Quando João e Maria se aproximaram disse ela com maudade: "Agora estão em meu poder, não podem mais escapar." De manhã cedo, antes das crianças despertarem, a bruxa já estava de pé e olhando-as enquanto ainda dormiam, pensou consigo: "Que bochechinhas rosadas, serão um bom petisco" Agarrou então João pela mão e levou-o à força para um pequeno estábulo, onde o trancou com uma grade. Lá poderia gritar o quanto quisesse, pois ninguém o ouviria. Depois foi acordar Maria: "De pé preguiçosa, vá buscar água para cozinhar algo de bom para o teu irmão, ele está lá fora preso no estábulo e deve ficar gordinho, para que eu possa comê-lo." Maria desatou a chorar, mas de nada adiantou, foi obrigada a obedecer. Maria cozinhava boa comida para o irmão, mas ela mesma só podia comer os restos. Todas as manhãs a bruxa caminhava de vagarinho até o estábulo e ordenava: "João, dê-me teu dedo, quero sentir se já engordastes." Mas João muito esperto, estendia um ossinho, fazendo a bruxa acreditar que ele continuava magro, pois a bruxa por ter vista fraca não enxergava um palmo diante do nariz. Depois de quatro semanas João continuava magrinho, até que um dia a bruxa perdeu a paciência, chamou Maria e ordenou que ela fosse correndo apanhar água, pois no dia seguinte iria comer seu irmão estando ele gordo ou magro. Como chorou a irmãzinha, suas lágrimas rolavam no rosto enquanto carregava a água, soluçava e dizia: "Querido Deus, ajude-nos. Se tivéssemos sido comidos pelos animais na floresta, teríamos pelo menos morrido juntos." Ao que a bruxa respondeu: "Pare de chorar, pois de nada adianta." Na manhã do dia seguinte, Maria teve que acender o fogo logo cedo e botar a água para ferver. "Mas primeiro vamos assar pão, já acendi o forno e preparei a massa", disse a bruxa. E tentando empurrar Maria para dentro do forno disse: "Entre e veja se já está quente." A bruxa na verdade queria fechar o forno tão logo Maria entrasse dentro dele, pois queria comê-la assada. Mas Maria percebeu o que a bruxa tinha em mente e perguntou: "Mas como se entra no forno?" "És mesmo uma boba, olhe para mim", disse a bruxa enfiando a cabeça lá dentro. E Maria então mais que depressa deu-lhe um empurrão, enfiando-a no forno, e depois trancou a porta de ferro com o ferrolho. E ela quanto mais ardia mais berrava, mas Maria correu para longe, e a bruxa malvada queimou até o último osso. Maria correu para o estábulo e libertou o irmão. João pulou feliz para fora como um pássaro sai da gaiola, "João estamos livres, a bruxa má está morta", disse ela. Quão grande foi a alegria dos dois irmãos, que se abraçaram e pularam de júbilo! Como nada mais tinham a temer, foram explorar a casa da bruxa e quantas coisas acharam! Havia caixas com pérolas e pedras preciosas por todos os cantos. João disse: "Reluzem mais do que as minhas pedrinhas brancas", e encheu os bolsos com elas. "Também quero levar algo para casa", disse Maria e com o seu avental fez uma trouxinha. "Agora vamos embora daqui, temos que sair desta maldita floresta." Depois de caminharem algumas horas, chegaram perto de um rio. "Como poderemos atravessá-lo, não vejo ponte, e não há outro caminho", disse João. "Mas lá adiante estou vendo um marreco branco, quem sabe nos ajudará," disse Maria e então entoou:

"Senhor marreco, bom nadador, somos filhos do lenhador,  
nos leve para a outra margem, temos que seguir viagem"

O marreco aproximou-se e João subiu nas suas costas e acenou para que a irmã fizesse o mesmo, "Não" disse Maria, "Um de cada vez para não cansar demais o bichinho." E assim fizeram. Chegando do outro lado, depois de caminharem um certo tempo, perceberam que conheciam aquele lugar, caminharam mais um pouco, e a floresta parecia cada vez mais conhecida até que avistaram de longe a

casa do pai. Começaram a correr naquela direção, escancararam a porta e caíram nos braços do pai. O homem não tinha tido mais sossego, quantos sonhos horríveis tinham perturbado suas noites, quanto remorso sentia ele, por ter abandonado seus filhos na floresta. Por sorte a mulher já havia morrido. Maria desamarrou seu aventalzinho e deixou cair uma chuva de pérolas e pedras preciosas que nunca acabava porque João não parava mais de esvaziar seus bolsos. Agora já não deveriam mais temer miséria, nem carestia e desde aquele dia viveram felizes. Conto encerrado, lá vai um rato, e é melhor deixá-lo ir, no mundo do faz de contas a história não tem fim.